

**PET Indígena**

8 de junho de 2020 · 🌐



Boa tarde parentes, boa tarde a todos. Meu nome é Elson Forte Galibi, eu gostaria de compartilhar um pouco da minha história e da história da minha mãe, Edinair Galibi, que eu perdi recentemente.

Há muito tempo, quando meu avô decidiu sair daqui, da aldeia de Kumarumã, minha mãe ficou aqui, só ela. Meu avô e minha avó foram para a Guiana Francesa e minha mãe ficou aqui. Um certo dia ela saiu para ir atrás dos pais dela, e a gente foi na Guiana Francesa, em Saint George. Mas a gente não se acostumou com o clima de lá, começamos a adoecer, e minha mãe decidiu voltar para o nosso lugar, para a nossa aldeia.

Quando a gente voltou para a nossa aldeia começamos a reconstruir nossa vida. A casa onde meu avô morava a gente reconstruiu, a gente tomou de conta de tudo aquilo que era dele: o terreno, as coisas dele, minha mãe tomou de conta. Então, com isso, a gente vinha cuidando um do outro. A gente se apegou muito a ela, eu e meus irmãos, porque ela não era como qualquer pessoa, ela tinha um amor muito grande no coração dela. O amor que ela tinha para as outras pessoas era de ajudar. E nós fomos criados nesse costume que ela tinha, o costume que o pai dela tinha dado a ela.

Eu e meu irmão Cleber somos os caçadores da família, e quando a gente sai para caçar, às vezes a gente chega em casa de madrugada, três horas, quatro horas da madrugada e ela já está acordada esperando por nós, buscando saber se a gente está bem, preocupada a noite inteira, se perguntando porque seus filhos ainda não chegaram. Quando a gente chega tem alguém esperando, quando a gente bate na porta ela já sai.

Eu me lembro quando eu tinha uns quinze anos. A gente foi para a roça e ela estava conosco. Era eu, meu pai e ela. Nesse dia meu pai quis me deixar, só porque eu esqueci o meu facão na roça, era para eu voltar e buscar, sozinho, mas já era cinco horas, estava anoitecendo. Eu voltei, chorando, para buscar o facão na roça. Era uns dois quilômetros até chegar na roça, era verão e o campo estava seco. Quando eu subi a montanha um pouco e olhei para trás lá vinha minha mãe correndo atrás de mim, para que eu não fosse sozinho para a roça. Ela vinha chorando e me disse:

– Meu filho, você não vai sozinho, deixa que eu vou contigo.

Quando eu vi minha mãe vindo chorando, eu chorei também. Perguntei:

– Mamãe, o que você veio fazer?

– Meu filho, eu vou contigo, não vou deixar você ir sozinho, você nunca estará sozinho!

Quando eu lembro isso, dói muito, dói muito em mim, isso está doendo muito! Ficou como uma lembrança para mim, marcou a minha vida. Minha mãe foi uma pessoa que sempre fez o bem, sempre queria o bem para as outras pessoas.

Agente se apegou muito uns aos outros. Meus irmãos, a minha irmã, a minha mãe, eu, meu pai.

Quando começou essa pandemia a gente sempre assistia pela televisão que as pessoas morriam no mundo inteiro. Quando chegou no estado do Amapá eu disse que não era para a gente sair da aldeia. Eu sou vice-cacique da comunidade e a gente colocou uma norma para

que ninguém saísse. Eu me preocupava com os meus pais, com a minha mãe, principalmente, mas as pessoas não obedeciam. Outros vieram para dentro da comunidade e trouxeram essa doença.

Quando minha mãe teve os primeiros sintomas, ela começou com uma febre... Ela mandou chamar todos nós e nós chegamos na casa dela, irmãos, nora... A gente conversou com ela e ela disse que se sentia com febre. Aí a gente viu que ela estava um pouco febril. Ela era diabética. Quando essa doença chegou nela, alterou a diabetes dela, então ela ficou fraca, começou a passar mal. Eu via no rosto dela que ela estava passando mal. Então ela chamou todos nós, todos, e ela disse que não era para a gente brigar um com o outro, que era para a gente ficar sempre unido, que era para a gente nunca abandonar aquilo que era dela, a casa dela, ela disse:

- Por favor, não saiam daqui. Nunca deixem o que é nosso para ninguém tomar conta. Uma coisa digo a vocês, nunca briguem um com o outro.

Quando eu acabei de ouvir isso, olhei para ela e disse:

- Mamãe, não fale assim! Porque que a senhora está falando assim? Você não vai morrer, essa doença não vai te matar.

Aí ela disse:

- Não, eu não sei. Mas o que estou deixando para vocês é uma lembrança para vocês nunca esquecerem na vida.

Então eu fui chamar as pessoas. Havia um grupo de médicos que tinham vindo de helicóptero para coletar sangue dessa doença. Eu fui chamar eles e eles disseram que tinham o bastante. Eu disse:

- Venham, a minha mãe está precisando que vocês examinem, pelo menos colem o sangue dela para ver se é essa doença ou não.

Eu fui chamar duas vezes, ninguém veio, eles foram embora. Aí passou dois dias e ela começou a se sentir mal. Foi rápido, foi de uma hora para outra. Ela começou a se sentir mal, teve febre, mas depois passou... Quando deu na segunda-feira, pela manhã, ela começou a se sentir sem ar. Faltava o ar dela. Eu disse assim:

- Porque a senhora está assim? Deixa eu chamar os médicos!

Aí eu chamei os médicos:

- Venha, vem ver minha mãe, ela está passando mal! – mas ninguém veio, nem para examiná-la.

A gente ficou só, eu e meus irmãos, minha cunhada, minha esposa. A gente começou a cuidar dela e aí ela disse:

- Agora eu quero que vocês cuidem do irmão de vocês.

A gente tem um irmão deficiente. Aí ela disse:

- Nunca deixem ele só aqui em casa.

Aí eu chorei, eu chorei porque ela estava falando algo, parece que ela estava se despedindo da gente. Eu nunca vi ela assim.

Quando ela ainda estava falando, minha esposa pegou ela por trás e levantou para ela beber um pouco de água, mas ela não podia, faltava força.

Ela ainda falava com a gente quando, de repente, algo aconteceu, que eu nunca esperava ver, eu nunca esperava sentir isso, como eu senti naquele momento e até hoje estou sentindo.

Quando ela ainda falava, ela estendeu a mão para o meu pai, falando para ele cuidar bem dos filhos dela. Ela ainda falando... quando, de repente, ela se foi...

A gente ficou desesperado, um olhava para o outro, a gente sacudia ela, levantou ela, a gente fez tudo o que podia, mas já era tarde. Isso ficou como um trauma na minha vida, porque eu não consigo chegar em casa e não ver ela. Quando eu olho, parece que eu estou procurando algo. Até agora eu não consigo me recuperar porque, quando eu percebo, eu estou em outro lugar. Quando eu percebo já estou fazendo o que não devia... Eu preciso me recuperar, eu preciso que Deus me de força para conseguir superar tudo isso. O que ela deixou para nós foi uma lição de vida.

Os enfermeiros vieram, depois dela morta, já era de manhã e eles vieram para coletar o sangue dela para ver se ela morreu de Covid-19. Aí o meu pai não deixou, meu pai não deixou que ninguém tocasse mais nela, porque quando ela estava viva a gente mandou buscar eles e eles não vieram.

Quando chegou a hora do enterro da minha mãe eu sentei perto do caixão dela e comecei a chorar, segurando o caixão. Olhei para ela dizendo:

- Porque você está tão fria? Porque você está tão gelada? Você não era assim! Hoje você vai embora, eu nunca mais vou ver você, nunca mais vou ver seu rosto, nunca mais vou sentir a sua voz nos meus ouvidos. Hoje você está me deixando mamãe...

Aí eu comecei a chorar, eles a levaram de mim, a única coisa que eu guardava no meu coração, que era minha mãe, eu nunca mais vou ver ela. É por isso que eu digo, não visite parentes, não é hora de visitar o seu parente, de dar passeio pela cidade, porque isso é uma coisa muito séria. O vírus não brinca com a gente, se a gente brincar, ele não brinca, o vírus veio para matar, para destruir famílias. Por isso que eu digo, fiquem em casa, cuidem-se por favor.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil

05 de junho de 2020

Relato feito em áudio e transcrito por Elissandra Barros

Bonsoirs chers parents, bonsoir à tous. Mon nom est Elson Forte Galibi, j'aimerais partager un peu mon histoire et celle de ma mère, Edinair Galibi, que j'ai perdu récemment.

Il y a très longtemps, quand mon grand-père a décidé de quitter ici, le village de Kumarumã, ma mère est restée ici, toute seule. Mon grand-père et ma grand-mère sont allés en Guyane Française et ma mère est restée ici. Un jour, elle a décidé d'aller auprès de ses parents, et nous avons été en Guyane Française, à Saint George. Nous ne nous sommes pas habitués au climat de là-bas, nous avons commencé à tomber malade, et ma mère a décidé de revenir sur notre terre, dans notre village.

Quand nous sommes revenus dans notre village, nous avons commencé à reconstruire notre vie. La maison dans laquelle vivait mon grand-père, nous l'avons reconstruite, nous nous sommes occupés de tout. Ainsi, chacun prenait soin l'un de l'autre. Nous étions très attachés à elle, moi et mes frères, parce qu'elle n'était pas comme n'importe qui, elle portait un très grand amour dans son cœur. L'amour qu'elle avait pour les autres personnes était d'aider. Et nous avons été élevés avec cette habitude qu'elle avait, l'habitude que son père lui avait transmis. Moi et mon frère Cleber sommes les chasseurs de la famille, et quand nous sortons pour chasser, parfois on revenait à la maison dans la nuit profonde, trois heures, quatre heures de la

nuit et elle était déjà en éveil nous attendant, cherchant à savoir si nous allions bien, inquiète la nuit entière, se demandant pourquoi ses fils n'étaient pas encore rentrés. Quand on rentrait, il y a quelqu'un qui attendait, quand on tapait à la porte, elle sortait déjà.

Je me rappelle quand j'avais environ 15 ans, nous sommes allés au champ et elle était avec nous. C'était moi, mon père et elle. Ce jour-là, mon père voulait me laisser, seulement parce que j'avais oublié ma machette au champ, je devais retourner le chercher, seul, mais il était déjà cinq heures du soir, il commençait à faire nuit. Je suis retourné, en pleurs, pour chercher le marteau. C'était à deux kilomètres environ pour arriver au terrain, c'était en été et le terrain était sec.

Quand j'avais escaladé un peu la montagne et regardé en arrière, venait ma mère en courant derrière moi de sorte que je ne retourne pas seul au champ. Elle venait en pleurs et me dit :

- Mon fils, tu n'iras pas seul, laisse-moi y aller avec toi.

Quand j'ai vu ma mère venir en pleurant, j'ai pleuré aussi. J'ai demandé :

- Maman, que viens-tu faire ?

- Mon fils, je vais avec toi, je ne vais pas te laisser y aller seul, tu ne seras jamais seul !

Quand je me rappelle, ça fait très mal, ça me fait très mal, ceci me fait très mal ! C'est devenu comme un souvenir pour moi, cela a marqué ma vie. Ma mère était une personne qui a toujours fait le bien, elle a toujours voulu le bien pour les autres personnes.

Nous sommes beaucoup attachés les uns aux autres. Mes frères, ma soeur, ma mère, moi et mon père. Quand cette pandémie a commencé, on écoutait à la télévision que les gens mourraient dans le monde entier. Quand c'est arrivé dans l'état d'Amapá, j'ai dit que nous ne devrions pas sortir du village. Je suis le vice-chef de la communauté et nous avons mis une règle afin que personne ne sorte. Je me préoccupais de mes parents, de ma mère, principalement, mais certaines personnes n'ont pas obéi. D'autres sont revenus dans la communauté et ont ramené cette maladie.

Quand ma mère eut les premiers symptômes, elle a commencé à avoir la fièvre.... Elle envoya quelqu'un nous appeler tous et nous sommes arrivés dans sa maison, frères, belle-fille... Nous avons discuté avec elle et elle disait qu'elle sentait la fièvre. Ainsi nous avons vu qu'elle se sentait un peu fiévreuse. Elle était diabétique. Quand cette maladie est arrivée en elle, elle a modifié son diabète, alors elle devenait faible, commençait à se sentir mal. J'ai vu sur son visage qu'elle se sentait mal. Alors, elle nous appela tous, et dit que nous ne devons pas nous battre l'un contre l'autre, que nous devons rester toujours unis, que nous ne devons jamais abandonner ce qui était d'elle, sa maison, elle dit :

- S'il vous plaît, ne sortez pas d'ici. Ne laissez jamais quelqu'un prendre ce qui nous appartient. Je vous dis une chose, ne vous battez pas l'un avec l'autre.

Quand j'ai fini d'écouter cela, je l'ai regardé et dis :

- Maman, ne parle pas ainsi ! Pourquoi vous parlez ainsi ? Tu ne vas pas mourir, cette maladie ne va pas te tuer.

Alors elle dit :

- Non, je ne sais pas. Mais ce que je vous laisse c'est un souvenir pour que vous n'oubliez jamais dans votre vie.

Alors j'ai fait appeler des personnes. Il y avait un groupe de médecins qui était venu par hélicoptère pour recueillir le sang de cette maladie. Je les ai appelé et ils ont dit que ce qu'ils

avaient été suffisant. J'ai dit :

- Venez, ma mère a besoin que vous l'examinez, au moins que vous collectiez son sang afin de voir si c'est cette maladie ou pas.

Je les ai appelé deux fois, personne n'est venu, ils sont partis. Ainsi deux jours sont passés et elle a commencé à se sentir mal. Ce fût rapide, ce fût d'une heure à l'autre. Elle a commencé à se sentir mal, avoir la fièvre, mais après ça s'est calmé... Quand lundi est venu, le matin, elle n'arrivait plus à respirer. Il lui manquait d'air. J'ai dit ceci :

- Pourquoi vous êtes ainsi ? Laissez-moi appeler les médecins !

Alors j'ai appelé les médecins :

- Venez, viens voir ma mère, elle se sent mal ! mais personne n'est venu, ni pour l'examiner.

On était seulement, moi et mes frères, ma belle-soeur, mon épouse. On a commencé à s'occuper d'elle et elle dit :

- Maintenant j'aimerais que vous preniez soin de votre frère.

Nous avons un frère déficient. Alors elle dit :

- Ne le laissez jamais seul ici à la maison.

Alors j'ai commencé à pleurer, je pleurais parce qu'elle disait quelque chose, on dirait qu'elle nous disait au revoir. Je ne l'ai jamais vu ainsi.

Quand elle parlait encore, mon épouse l'a prit par derrière et la souleva afin de boire un peu d'eau, mais elle ne pouvait pas, il lui manquait de la force.

Elle parlait encore avec nous quand, tout d'un coup, quelque chose se passait, que je ne m'attendais jamais à voir, je ne m'attendais jamais à sentir cela, ce que j'ai ressenti à ce moment-là et ce que je ressens encore à ce jour. Quand elle parlait encore, elle a étendu sa main vers mon père, en lui disant de bien prendre soin de ses enfants. Elle parlait encore.... quand, tout d'un coup, elle est partie....

Nous étions désespérés, l'un regardant l'autre, nous l'avons secoué, nous l'avons levé, nous avons fait tout ce qu'on pouvait, mais c'était déjà tard. C'est devenu comme un traumatisme dans ma vie, parce que je n'arrive plus à rentrer à la maison et ne pas la voir. Quand je regarde, c'est comme-ci je recherche quelque chose. Jusqu'à maintenant, je n'arrive pas à me remettre parce que, quand je m'en aperçois, je suis déjà ailleurs. Quand je m'en aperçois, je fais déjà ce que je ne devrais pas.... J'ai besoin de récupérer, j'ai besoin que Dieu me donne la force pour me remettre de tout cela. Ce qu'elle nous a laissé fût une leçon de vie.

Les infirmiers sont venus, après sa mort, c'était déjà le matin et ils sont venus pour recueillir son sang pour voir si elle est morte du Covid-19. Mais mon père n'a pas laissé faire, mon père n'a laissé personne toucher le corps parce que quand elle était encore vivante, on a envoyé les chercher et ils ne sont pas venus.

Quand est venue l'heure de l'enterrement de ma mère, je me suis assis près de son cercueil et j'ai commencé à pleurer, en tenant le cercueil. Je l'ai regardé en disant :

- Pourquoi es-tu si froide ? pourquoi es-tu si glacée ? Tu n'étais pas ainsi ! Aujourd'hui tu vas partir, je ne te verrai plus jamais, je ne verrai plus jamais ton visage, je ne sentirai plus jamais ta voix dans mes oreilles. Aujourd'hui, tu me laisses maman....

Alors j'ai commencé à pleurer et ils me l'ont prise, la seule chose que je gardais dans mon cœur, que était ma mère, je ne la verrai plus jamais. C'est pourquoi je vous dis, ne visitez aucun

parent, ce n'est pas l'heure de visiter son parent, de se promener à travers la ville, parce que ceci est une chose très sérieuse. Le virus ne joue pas avec nous, si nous jouons, lui ne joue pas, le virus est arrivé pour tuer, pour détruire les familles. C'est pourquoi je dis, restez chez vous, prenez soin de vous s'il vous plaît.

Village Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brésil

05 Juin 2020

Récit fait par audio et transcrit par Elissandra Barros

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

Good afternoon family, good afternoon everyone. My name is Elson Forte Galibi, I would like to share a little of my story and the story of my mother, Edinair Galibi, who I recently lost.

A long time ago, when my grandfather decided to leave the village of Kumarumã, my mother stayed here, just her. My grandfather and grandmother went to French Guiana and my mother stayed here. One day she went out to go after her parents, and we went to French Guyana in Saint George. But we didn't get used to the weather there, we started to get sick, and my mother decided to go back to our place, to our village.

When we went back to our village we started to rebuild our life. We rebuilt the house where my grandfather lived, we took care of everything that was his: the land, his things, my mother took care of. So with that, we were taking care of each other. We became very attached to her, my brothers and I, because she was not like anyone else, she had a great love in her heart. The love she had for other people was to help. And we were raised in that custom she had, the custom her father had given her.

My brother Cleber and I are the hunters of the family, and when we go out hunting, sometimes we come home at dawn, three o'clock, four o'clock in the morning and she is already awake waiting for us, trying to know if we are well, worried all night, wondering why her children have not arrived yet. When we arrive there is someone waiting, when we knock on the door she's already out.

I remember when I was like fifteen. We went to the country and she was with us. It was me, my father and her. That day my father wanted to leave me, just because I forgot my machete in the farm, I was supposed to go back and get it alone, but it was already five o'clock, it was getting late. I went back crying to get the machete from the farm. It was about two kilometers until I reached the farm, it was summer and the field was dry. When I just started walking up the mountain and looked back, my mother came running after me, so that I wouldn't go to the farm alone. She was crying and told me:

- My son, you're not going alone, let me go with you.

When I saw my mother coming crying, I cried too. I asked:

- Mom, what are you here for?

- My son, I'm going with you, I won't let you go alone, you will never be alone!

When I remember this, it hurts a lot, it hurts me a lot, it hurts a lot! It is like a memory for me, it marked my life. My mother was a person who always did good, always wanted good for other people.

We have become very attached to each other. My brothers, my sister, my mother, my father and I. When this pandemic started, we always watched on television that people died all over the world. When it arrived in Amapá state, I told that people were not supposed to leave the village. I'm vice-cacique of the community, and we set a rule so that no one would leave. I worried about my parents, especially my mother, but people didn't obey. Others came into the community and brought this disease.

When my mother had the first symptoms, she started with a fever ... She sent for all of us and we arrived at her house, brothers, daughter-in-law ... We talked to her and she said she felt feverish. Then we saw that she was a little feverish. She was diabetic. When this disease reached her, it altered her diabetes, so she became weak, started to feel sick. I could see on her face that she was feeling sick. So she called us all, everyone, and she said that we shouldn't fight with each other, that we should always be together, that we should never abandon what was hers, her house, she said:

- Please don't leave here. Never leave what is ours for anyone to take care of. One thing I say to you, never fight with each other.

After hearing this, I looked at her and said:

- Mom, don't talk like that! Why are you talking like that? You will not die, this disease will not kill you.

Then she said:

- No, I don't know. But what I am leaving for you is a reminder for you to never forget in life.

So I went to call people. There was a group of doctors who had come by helicopter to collect blood from this disease. I went to call them and they said they had enough. I did:

- Come, my mom needs you to at least collect her blood to see if it's this disease or not.

I went to call twice, nobody came, they left. Then two days went by and she started to feel bad. It was quick, it was overnight. She started to feel bad, she had a fever, but then it has gone away... When it was Monday morning, she started to feel breathless. She was out of breath. I said so:

- Why are you like this? Let me call the doctors!

Then I called the doctors:

- Come, come and see my mother, she's feeling sick! - but nobody came, not even to examine her.

We were left alone, me and my brothers, my sister-in-law, my wife. We started taking care of her and then she said:

- Now I want you to take care of your brother.

We have a disabled brother. Then she said:

- Never leave him alone in the house.

Then I cried, I cried because she was saying something, it seems like she was saying goodbye to us. I've never seen her like this.

When she was still talking, my wife grabbed her from behind and lifted her up to drink some water, but she couldn't, she lacked strength.

She was still talking to us when, suddenly, something happened that I never expected to see, I never expected to feel it as I did at that moment and I'm still feeling it today. When she was still

speaking, she reached out to my father, telling him to take good care of her children. She's still talking... when, suddenly, she's gone...

We were hopeless, we looked at each other, we shook her, lifted her, we did everything we could, but it was too late. This has become like a trauma in my life because I cannot get home and not see her around. When I look, it feels like I'm looking for something. So far I cannot recover because, when I realize, I'm somewhere else. When I realize I'm already doing what I shouldn't... I need to recover, I need God to give me strength to get through it all. What she left for us was a life lesson.

The nurses came after she was dead in the morning and they came to collect her blood to see if she died of Covid-19. Then my father didn't let anyone touch her anymore, because when she was alive we sent for them and they didn't come.

When it was time for my mother's burial I sat down near her coffin and started crying, holding the coffin. I looked at her and said:

- Why are you so cold? Why are you so cold? You were not like this! Today you go away, I will never see you again, I will never see your face, I will never feel your voice in my ears again.

Today you're leaving me mommy...

Then I started to cry, they took her away from me, the only thing I kept in my heart, which was my mother, I will never see her again. That's why I say, don't visit relatives, it's not time to visit your relatives, to go for a walk in the city, because this is a very serious thing. The virus doesn't play with us, if we play, it doesn't play, the virus came to kill, to destroy families. That's why I say stay home, please take care.

Village Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brazil

June 5th, 2020

Report made in audio and transcribed by Elissandra Barros

Translated by Ruth Lydie JOSEPH

Buenas tardes parientes, buenas tardes a todos. Mi nombre es Elson Forte Galibi, me gustaría compartir un poco de mi historia y la historia de mi madre, Edinair Galibi, a quien perdí recientemente.

Hace mucho tiempo, cuando mi abuelo decidió salir de aquí, de la Aldea Kumarumã. Mi madre se quedó aquí, solo ella. Mi abuelo y mi abuela fueron para la Guyana Francesa y mi madre se quedó aquí. Un cierto día ella salió en busca de sus padres y fuimos para la Guyana Francesa, en Saint George. Pero no nos acostumbramos al clima de allá, comenzamos a enfermarnos y mi mamá decidió volver para nuestro lugar, para nuestra aldea.

Cuando volvimos a nuestra aldea comenzamos a reconstruir nuestra vida. La casa donde mi abuelo vivía la reconstruimos, nos ocupamos de todo aquello que era de él: el terreno, sus cosas, mi madre se encargó de todo eso. Entonces, con eso, nos estábamos cuidando el uno al otro. Nos apegamos mucho a ella, yo y mis hermanos, porque ella no era como cualquier persona, ella tenía un amor muy grande en el corazón de ella. El amor que ella tenía para las otras personas era de ayudar. Y fuimos criados en esa costumbre que ella tenía, la costumbre que su padre le había dado.

Yo y mi hermano Cleber somos los cazadores de la familia y cuando salimos para cazar, a veces llegamos a casa de madrugada, a las tres, o cuatro de la mañana y ella ya está despierta

esperándonos, buscando saber si estamos bien, preocupada la noche entera, preguntándose porque sus hijos aun no llegan. Cuando llegamos siempre hay alguien esperándonos, cuando tocamos la puerta ella sale.

Recuerdo cuando yo tenía unos quince años. Fuimos a la granja y ella estaba con nosotros. Éramos yo, mi papá y ella. Ese día mi padre quería dejarme, solo porque olvidé mi machete en el campo, se suponía que debía volver a buscarlo, yo solo, pero ya eran las cinco en punto, estaba oscureciendo. Regresé, llorando, buscar el machete en el campo. Eran unos dos kilómetros hasta llegar a la granja, era verano y el campo estaba seco. Cuando subí un poco la montaña y miré hacia atrás allá venia mi madre corriendo detrás de mí, para que yo no fuese solo para el campo. Ella venía llorando y me dijo:

- Mi hijo, tu no iras solo, déjame ir contigo.

Cuando vi a mi madre viniendo llorando, yo también lloré. Pregunté:

- Mamá, ¿qué viniste a hacer?

- Mi hijo, yo voy contigo, no te dejaré ir solo, ¡nunca estarás solo!

Cuando recuerdo esto, duele mucho, me duele mucho, ¡esto me está doliendo mucho! Quedó como un recuerdo para mí, marcó mi vida. Mi madre fue una persona que siempre hizo el bien, siempre quería el bien para las otras personas.

Nos apegamos mucho el uno al otro. Mis hermanos, mi hermana, mi madre, yo, mi padre.

Cuando comenzó esta pandemia, siempre vimos por la televisión que morían personas en el mundo entero. Cuando llegó al estado de Amapá dije que no debíamos salir de la aldea. Soy vice-cacique de la comunidad y establecimos una norma para que nadie saliese. Me preocupaban mis padres, especialmente mi madre, pero las personas no obedecían. Otros vinieron para dentro de la comunidad y trajeron esta enfermedad.

Cuando mi madre tuvo los primeros síntomas, comenzó con fiebre... Ella mandó a llamar a todos y llegamos a su casa, mis hermanos, mi nuera... Conversamos con ella y ella dijo que se sentía con fiebre. Luego vimos que ella estaba un poco febril. Ella era diabética. Cuando esta enfermedad la alcanzó, alteró su diabetes, entonces se debilitó y comenzó a pasarla mal. Veía en el rostro de ella que ella la estaba pasando mal. Entonces nos llamó a todos, a todos, y dijo que no debíamos pelear unos con otros, que siempre debíamos estar unidos, que nunca debíamos abandonar lo que era de ella, la casa de ella, ella nos dijo:

- Por favor no salgan de aquí. Nunca dejen lo que es nuestro para que otro lo ocupe. Una cosa que les digo, nunca peleen el uno con el otro.

Cuando terminé de oír eso, la miré y dije:

- Mamá, ¡no hables así! ¿Porque estás hablando así? No vas a morir, esta enfermedad no te va matar.

Entonces ella dijo:

- No, yo no sé. Pero lo que les deajo es un recordatorio para que nunca lo olviden en la vida.

Entonces fui a llamar a las personas. Había un grupo de médicos que habían venido en helicóptero para recolectar sangre de esta enfermedad. Fui a llamarlos y me dijeron que tenían bastante. Yo dije:

- Vengan, mi mamá necesita que la examinen, por lo menos tome la sangre de ella para ver si es esa enfermedad o no.

Fui a llamar dos veces, nadie vino, se fueron. Luego pasaron dos días y ella comenzó a sentirse mal. Fue rápido, fue de una hora para otra. Ella comenzó a sentirse mal, tuvo fiebre, pero luego pasó... Cuando llegó el lunes por la mañana, ella comenzó a sentirse sin aire. Le faltaba el aire.

Le dije así:

- ¿Por qué estás así? ¡Déjame llamar a los doctores!

Entonces llamé a los médicos:

- Vengan, vengan a ver a mi madre, ¡ella la está pasando mal! - Pero nadie vino, ni siquiera para examinarla.

Estábamos solos, yo y mis hermanos, mi cuñada, mi esposa. Comenzamos a cuidar de ella y ahí ella dijo:

- Ahora quiero que ustedes cuiden a su hermano.

Tenemos un hermano discapacitado. Ella nos dijo:

- Nunca lo dejes solo aquí en casa.

Entonces lloré, lloré porque ella estaba diciendo algo que parecía que estuviese despidiéndose de nosotros. Nunca la vi así.

Cuando todavía estaba hablando, mi esposa la tomó por detrás y la levantó para que bebiera un poco de agua, pero ella no podía, le faltaba fuerza.

Ella seguía hablando con nosotros cuando, de repente, sucedió algo que nunca esperaba ver, nunca esperé sentirlo, como lo hice en ese momento e incluso hoy lo siento. Cuando todavía hablaba, ella extendió la mano para mi padre y le dijo que cuidara bien a sus hijos. Todavía estaba hablando... cuando, de repente, ella se fue...

Estábamos desesperados, nos miramos el uno al otro, la sacudimos, la levantamos, hicimos todo lo que podíamos, pero ya era tarde. Esto quedará como un trauma en mi vida, porque no puedo llegar a casa y no verla. Cuando miro, parece que estoy buscando algo. Hasta ahora no puedo recuperarme porque, cuando me doy cuenta, estoy en otro lugar. Cuando me doy cuenta ya estoy haciendo lo que no debería... Necesito recuperarme, necesito que Dios me dé fuerzas para poder superar todo esto. Lo que ella dejó para nosotros fue una lección de vida.

Los enfermeros vinieron, después de que ella murió, ya era de mañana y ellos vinieron para tomar su sangre para ver si ella murió de Covid-19. Entonces mi padre no dejó, mi padre ya no dejó que nadie más la tocara, porque cuando ella estaba viva los buscamos y ellos no vinieron. Cuando llegó el momento del entierro de mi madre, me senté junto a su ataúd y comencé a llorar, sosteniendo el ataúd. La miré diciendo:

- ¿Por qué estás tan fría? ¿Por qué estás tan helada? ¡No eras así! Hoy te vas, nunca más te volveré a ver, nunca más volveré a ver tu cara, nunca más sentiré tu voz en mis oídos. Hoy me estás dejando mamá...

Entonces comencé a llorar, ellos me la quitaron, la única cosa que guardaba en mi corazón, era mi madre, nunca la volveré a ver. Es por eso que les digo, no visiten a parientes, no es hora de visitar a tus parientes, o dar un paseo por la ciudad, porque esto es algo muy serio. El virus no juega con nosotros, si nosotros jugamos, él no juega, el virus vino para matar, para destruir familias. Por eso digo, quédense en casa, cuidense, por favor.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil.

05 de junio de 2020.

Relato realizado en audio y transcrito por Elissandra Barros.

Traducido por Nelson Arellano Parra.

#OPETNãPara #PetIndígena #CampusBinacional #Oiapoque #CLII #LicenciaturaIndígena

#FalaParente



👍👎👤 186

49 comentários 167 compartilhamentos